

FAUSTINA: a história da “última dama da Praia Grande”.

Joseana Priscila Carvalho Azevedo ¹

Introdução

"Se ela se penteia eu não sei
Se ela usa maquilagem eu não sei
Se aquela mulher é vaidosa eu não sei,
eu não sei, eu não sei"
[...] Mundo velho, decadente mundo
Ainda não aprendeu a admirar a beleza
A verdadeira beleza
A beleza que põe mesa e que deita na cama
(Zeca Baleiro)

A história de vida que aqui se pretende problematizar é de Faustina Matilde Pereira que viveu em São Luís, no final da segunda metade do século XX, mais específico entre as décadas de setenta e noventa, quando se falava de um período boêmio da cidade de São Luís. A Zona do Baixo Meretrício (ZBM) deixou como herança um imaginário de glamour e boemia sobre o bairro do Desterro, especialmente na rua 28 de Julho, rua da Palma e transversais. As Zonas do Baixo Meretrício constituía as regiões aonde ocorriam atividades de prostituição, composta por casas de cômodo, bares e cabarés. Segundo José Ribamar Reis numa “época onde tudo na Cidade-Poesia terminava naquele ambiente.” (2002, pag.35).

Este trabalho tem cunho inicial e ainda está em andamento, para as questões aqui elencadas foi utilizado jornais, entrevistas e levantamento bibliográfico afim de melhor analisar e problematizar as fontes pesquisadas. Vale ressaltar que esta análise é histórico-antropológica, na medida em que percebemos que para melhor desenvolver

¹ Graduanda em História pela Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, Integrante do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão, Sobre África e o Sul Global –NEAFRICA. Atualmente desenvolve pesquisa sobre mulheres inseridas na prostituição feminina, na região do Oscar Frota, sob orientação da professora Drª. Tatiana Raquel Reis Silva, vinculada ao departamento de História e geografia da UEMA. Email: joseanapcarvalho@gmail.com

esta temática é necessário recorrer à interdisciplinaridade. As análises de jornais são de suma importância para ampliar as possibilidades de pesquisa do historiador. Como afirma Grosfoguel (2008), dialogar com as demais áreas do conhecimento nos possibilitam uma melhor conceptualização e entendimentos das relações sociais, sobretudo, no âmbito da prostituição feminina.

“Precisamos de encontrar novos conceitos e uma nova linguagem se quisermos explicar o complexo enredamento das hierarquias de género, raciais, sexuais e de classe existentes no interior dos processos geopolíticos, geoculturais e geoeconômicos do sistema-mundo colonial/moderno, em que a incessante acumulação de capital é afectada por – e integrada em, e constitutiva de, e constituída por – essas hierarquias.” (GROSFOGUEL, 2008, pág. 131)

Um ponto que é importante destacar no que se refere a revisão na maneira de ver e fazer do historiador foi a Escola do Annales. Os Annales foram uma verdadeira revolução na construção da História, Historiografia, na História da História e na História da Historiografia. Esta Escola primou por ver os fatos e documentos históricos de um modo diferente, tudo passa a ser uma testemunha histórica, cada relato. O arquivo usado de maneira adequada nos ajuda a construir uma nova história, um novo modo de pensar sobre o homem em seu tempo. Dessa forma, é notável a contribuição para a construção de uma nova perspectiva sobre o “fazer História”. A história dos marginais e marginalizados, com os Annales passa a ter voz, sobretudo, no campo de história cultural e social, dando espaço a classe trabalhadora, as mulheres, aos negros, indígenas, crianças e prostitutas, que passam a ser observados.

Os estudos de gênero e estudos étnico/raciais também são categorias analíticas de grande contribuição para o desenvolvimento deste trabalho, permitindo discutir relações de poder em um espaço onde estão arraigados um imaginário e práticas do período colonial no Brasil, em específico, São Luís- MA. No que se refere aos estudos de gênero, estes são importantes para dar visibilidade às relações sociais que são muito mais complexas que somente relações baseadas em dominação de uma elite social, o debate de gênero problematiza o ser diferente sexualmente no meio em que vivemos e o que se viveu, partindo de que as relações são muito mais complexas que relações heteronormativas e patriarcas.

Os estudos de gênero apareceram na década de 70 do século XX, com as feministas estadunidenses, o conceito indicava uma oposição ao determinismo biológico (SILVA, 2015, pág. 23). Atualmente o termo gênero deixou de ser binário e passou a

ser relacional, adequando-se as novas maneiras de perceber as relações entre os seus “diferentes”. Os gêneros masculino e feminino deixam de ser o centro principal e outras categorias adentram o centro dos debates de gênero. Gays, lésbicas, transgêneros, transexuais e travestis, passam a fazer parte dos estudos de relações gênero, numa tentativa de quebrar paradigmas de preconceito formulados sobre relações que fogem dos padrões patriarciais e heterossexuais.

Os estudos étnicos são importantes nesta pesquisa por problematizarem as relações entre as mulheres de grupos étnicos diferentes, ou seja, de uma elite branca e conservadora, e de mulheres negras e sua realidade, além da relação entre essas mulheres e os homens de outras etnias, pois é sabido como o desejo sexual inter-racial constitui uma questão latente no âmbito da prostituição². Assim, o quesito cor também nos abre um leque para problematizar as diferentes relações de acordo com o tempo que queremos aqui discorrer.

Neste sentido, pretendemos aqui desenvolver uma análise com base nas relações de gênero e problematizando a importância da imagem de Faustina para a comunidade da Praia Grande, uma mulher negra e pobre, cuja imagem, nos últimos anos, vem sendo reconhecida a partir de algumas ações do Estado, e que ficou imortalizada em alguns espaços como o Bar da Faustina e a Praça da Faustina.

Uma longa história...

Desenvolver pesquisa sobre relações de gênero, sobretudo no que se refere à prostituição feminina, é complexo. São relações que permeiam muito mais que uma lógica dominação econômica, tudo se torna interligado, as relações meramente de dominação econômica carecem do quesito cor e gênero. Entendemos que estes sejam importantes para o desenvolvimento desta análise.

Faustina Matilde Pereira, considerada a última dama da praia grande - bairro do centro histórico e comercial da cidade de São Luís do MA - foi comerciante durante vários anos na cidade. Segundo o Jornal Pequeno, Faustina nasceu em Alcântara, no dia 4 de fevereiro de 1946 e há quase 50 anos morava no Centro Histórico de São Luís. Situada na esquina da Travessa Marcelino Almeida com a Rua do Giz, a Base da

² Para um debate mais aprofundado dessas questões, ver Silva (2015).

Faustina era um bar remanescente de uma época cada vez mais remota da boemia da cidade, a ZBM.

Segundo REIS (2002) a ZBM era uma polo centralizador da vida boemia de São Luís, intelectuais como Ferreira Gullar, artistas, mulheres, malandros, empresários, bares, homossexuais, enfim pessoas de todos os segmentos frequentavam essa região nas décadas de 40, 50, 60,70 e 80. Um espaço que não poderia ser frequentado por mulheres (REIS, 2002, pág. 53). Esse trecho da frase nos questiona como são ou não visibilizadas, as ‘*mariposas*’ moradoras e trabalhadoras da Zona.

A ZONA era dividida em duas partes, segundo Reis (2002), uma parte mais rica luxuosa e outra pobre, composta por mulheres mais feias e “*acabadas*”. Em depoimento concedido à historiadora Marcia Milena G. Ferreira (2012) na obra “*QUANDO A HISTÓRIA ACABA E A MEMÓRIA FICA*” podemos notar que essas divisões também se relacionavam ao quesito cor. Quando uma moradora e ex-garota de programa do período da Zona afirma que: não eram aceitas mulheres negras com o cabelo duro, estas seriam somente para lavar e cozinhar.

Então quem era Faustina naquele espaço? Como uma mulher negra conseguiu ascender e se tornar uma cafetina em meio a ZONA, as suas meninas também não estavam inseridas nos padrões de beleza da época? A imagem de Faustina escondeu um ponto da ZONA, havia mulheres negras e não foi somente fazendo programas em quartos de cômodo aonde residiam, elas trabalharam em uma casa famosa que perdurou até a década de 1990.

Neste trecho do texto percebemos como estão inseridos os modelos que as mulheres deveriam ou não seguir. Vemos aqui estabelecidos dois modelos femininos, aquelas consideradas direitas e as “da vida”. Os padrões sociais presentes no cotidiano de todas as mulheres, uma realidade mundial e específico da sociedade ocidental.

O modelo de mulher mãe “Maria de Nazaré” higienizado e dos “bons costumes” e o modelo de “Maria”, “Maria Madalena”, ou seja, freira ou puta. Um modelo de higienização propagado “biologicamente” para separar o período colonial do moderno (SILVA, 2015, pág.61). Questionamo-nos aqui se esse modelo foi realmente criado para separar um imaginário do outro ou se estes modelos só ganharam uma nova roupagem, pois notoriamente percebemos que mulheres da família “tradicional” nunca se misturavam com prostitutas ou mulheres que afrontavam a dita moral e os bons costumes.

Nesse sentido faz-se importante o debate de Gênero, segundo a historiadora Joann Scott (1995), o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. “*As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único*”. Isso nos faz pensar como são as relações entre os diversos gêneros, relacionando as diferenças de classe social e etnia/raça.

Um doutrinamento heteronormativo e patriarcal, propagado por instituições que participam da vida do individuo desde que ele nasce, como a igreja, família, dentre outras. Desde pequenas as meninas são ensinadas a gostar de rosa, meninos de azul, meninas brincam de casinha, meninos de carrinho. Delimitando socialmente o que cada individuo deve seguir. A mulher deve ser santa, virgem, cuidar dos filhos e o homem, o protetor da família, que trabalha e a mantém. Modelos que mudam com o passar dos anos, mas que não se adequa a realidade de pessoas pobres, sobretudo quando se refere as mulheres negras, descendentes de um período em que sua maioria eram trabalhadoras e chefes de família, lavadeiras, quituteiras, cozinheiras, prostitutas.

É possível identificar várias formas de representação das prostitutas, as ditas “mariposas”, quer seja uma imagem de vitimização ou uma imagem de atrevida, que invade os espaços da “moral e dos bons costumes”. Porém, de grande valor simbólico, econômico e social:

“Incontinenti, foram desfilando preciosidades do linguajar ludovicense, através dos tempos, em que reluziram para traduzir prostíbulo, além do clássico meretrício, lupanar, chatô, rendez-vous (randevu, ou casa de tolerância), bordel, puteiro (mais popularizado, impossível, nos contos de Lucas de Baldez) e xirizal (em manchete de O Debate, do jornalista Jacir Moraes).

“Prostituta foi tão endeusada no império da Zona do Baixo Meretrício (ZBM), em São Luís, que reza na tradição oral haver saído dali esposa de governador, de escritores, professores, além de ser disputada, pau a pau, por desembargadores e estivadores, os reis das boates, com as mais sortudas vivendo nos luxos, só não se sabendo se vem daí a força de expressão “Abarcar o Mundo com as pernas”. (Jornal pequeno,2008)

A imagem de Faustina esconde uma realidade recorrente no cotidiano de muitas meninas e mulheres negras e jovens no Brasil e no Maranhão. Sair da casa dos pais quando crianças, para poder trabalhar na casa de uma elite branca como empregada doméstica. Faustina nasceu em Alcântara, uma pequena cidade do litoral do maranhão

conhecida por ser uma cidade histórica, suas fontes de renda são o turismo, agricultura familiar e a pesca. A falta de estrutura social básica, como escolas, empresas e outras atividades fazem com que jovens migrem para São Luís atrás de melhores condições de vida, a mulher de quem aqui falamos fez o mesmo. Veio para São Luís aos 12 anos de idade onde começou a trabalhar de domestica na “casa de branco”.

“Oriunda de uma família pobre do lugarejo Tubarão, na cidade de Alcântara, ela teve de vir cedo para São Luís, onde arranjou o primeiro serviço como empregada doméstica. “Trabalhei em casa de branco, mas desde nova pensava ter meu próprio negócio”, afirmou Faustina, certa vez, num documentário sobre o Centro Histórico. (JORNAL PEQUENO. pág. 4, 8/06/2008)

Segundo o Jornal Pequeno foi produzido um documentário pelo cineasta Cláudio Farias, onde há o depoimento de Faustina, em que ela narra ter acompanhado navios enormes atracando no cais da Praia Grande onde, madrugada adentro, vendia pão e cafezinho. Como vendedora ambulante, improvisou uma banca no chão vazio, onde hoje fica a Praça da Alfândega. Depois, passou uma temporada no Beco Catarina Mina e em 1979, estabeleceu-se no local onde a partir daí trabalhou e viveu até seu falecimento no ano de 2008.

A “base da gorda” ou base da Faustina, segundo o Jornal Pequeno, ocupou um casarão de dois pavimentos num dos pontos mais interessantes do bairro da Praia Grande, frequentado por um grande número de artistas, intelectuais e populares. A figura ficou famosa e teve homenagens de pessoas conhecidas da cultura popular do Maranhão, bem como de figuras que saíram do Estado para o mundo, como é o caso do renomado cantor e compositor Zeca Baleiro. Oriundo de Arari, Baleiro veio estudar em São Luís e em suas andanças conheceu Faustina, na composição do videoclipe de sua canção “Salão de beleza”³, torna Faustina e suas meninas personagens.

Faustina possuía um restaurante e no mesmo prédio também tinha quartos de cômodo, onde algumas meninas desenvolviam atividades de prostituição. Percebemos que havia um tipo de relação de “camaradagem” entre elas. Segundo depoimento de uma das “meninas da Faustina”, a senhora *Joana Chaves*, nos afirma que esta não as explorava. O acordo que estas tinham entre si era o consumo, os clientes deveriam consumir em seu bar.

³ Vídeo pode ser encontrado no: <https://www.youtube.com/watch?v=iEVXcDt6vto>

O imaginário divulgado na mídia sobre esta figura é de uma comerciante, imaginário relacionado aos paradigmas que norteiam as atividades de prostituição, mas em depoimento ao Jornal Pequeno, o artista gráfico José de Ribamar Cordeiro Filho afirma que:

[...] Faustina Pereira era uma espécie de referência e de resistência dos antigos comerciantes frente à onda de modernidade voltada ao turismo de agora. “O Bar da Faustina e o Mercado das Tulhas⁴ foram locais onde se preservou o comércio nos moldes da segunda metade do século passado”. [...] durante a transformação da Praia Grande no centro turístico que é hoje, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) realizou um estudo na rua Marcelino de Almeida e reformou vários imóveis, como o de Faustina Pereira. “No início do século passado, esse tipo de comércio era muito comum aqui na Praia Grande. No caso da Faustina, era chamada de casa de tolerância. Na realidade, era um cabaré, um prostíbulo, mas, sobretudo, um bar onde a classe artística e boêmia costumava freqüentar”, explicou Cordeiro Filho. (JORNAL PEQUENO, pág. geral, 08/06/2008)

A Prostituição foi vista como uma relação social negativa durante milênios, como afirma Rago (2008), a prostituição é a profissão mais antiga do mundo, muito se fala da prostituição como uma doença da sociedade e pouco se problematiza sua complexidade, tornando a temática singular e colocando como um problema que deve ser invisibilizado. O estado de bem estar social e o status de bem estar social, “tão necessários”, fazem com que questões sociais importantes sejam marginalizadas e esquecidas. Vale ressaltar que mesmo que invisibilizados os sujeitos conseguem um modo de ascender politicamente. Nesse caso aqui, com a ultima dama da Praia Grande, que por ter relações políticas e culturais com a comunidade se manteve instalada no sobrado.

Como afirma Ferreira (2012. pag. 65) atualmente há um imaginário construído sobre a ZONA, os moradores da comunidade do Desterro não desejam se lembrar das ruas que compunham o espaço, também por estas ruas terem se tornado ruas interditadas, com um alto índice de violência. A memória do “bom tempo” sobre a ZBM ficou somente na memória das mulheres prostitutas, lavadeiras, cozinheiras e dos homens que por ali trabalhavam e festejam as noites, mas foi apagada por grande parte dos moradores antigos da comunidade, para os quais este período deve ser esquecido.

⁴ Centro comercial antigo no Bairro da Praia Grande de São Luis, localizado no coração da Boemia do Centro histórico de São Luís.

Os anos se passaram e atividades de prostituição no bar de Faustina foram reduzindo e ela tocou a vida somente com o bar. Devido a problemas de saúde e o aumento de peso, quase não podia mais andar. Todavia isso não a impediu de manter as atividades culturais inseridas na programação do seu bar, o Bumba Meu Boi⁵ e o Tambor de Crioula⁶, juntamente com a vida noturna. Todos os dias Faustina se sentava na porta do bar para agraciar as pessoas que ali frequentavam com seu carisma e atenciosidade. Durante todas quartas e sextas feiras, antes de seu falecimento, era sagrado o Tambor de Crioula tocar e possuía um caráter único do Bairro da Praia Grande, formado por moradores, turistas, músicos e brincantes.

Faustina faleceu no ano de 2008, no dia 7 de junho, deixando um vazio no coração da vida boemia e intelectual de São Luís. Seus amigos e admiradores não deixaram sua memória desaparecer, inclusive suas vontades mais sutis, que variavam da decoração das ruas e da Praça Abolição, rebatizada de Praça da Faustina, e onde atualmente brincantes, simpatizantes e turistas frequentam com o intuito de não deixar ser apagada e esquecida a memória da cidade. Assim afirma depoimento feito ao Jornal pequeno.

“As bandeirinhas de São João, que enfeitam o sobradão antigo, foram colocadas como ela gostava, dispostas da mesma forma. De ponta a ponta. De todas as cores. No São João, ela sempre fez questão de decorar o ambiente. Muitas vezes, era ela mesma quem confeccionava as tais bandeiras. Na praça em frente, que leva o seu nome, hoje à noite o tambor-de-crioula tocará alto. Talvez como nunca tenha sido tocado. Haverá dança. Tudo como a dona do sobrado queria e gostava. E todos, de alguma forma, acreditarão que ela estará lá, sentada na calçada, na cadeira de sempre, olhando aquela festa toda.” (JORNAL PEQUENO. 08 DE JUNHO DE 2008).

“Mas ela não estará lá, pelo menos não naquela cadeira, observando sua gente passar. Há 15 dias, o sobrado ficou mais vazio. Mais silencioso. Uma parada cardíaca matou a dona da casa. Faustina Matilde Pereira, de 62 anos, deixou uma legião de órfãos. Amantes da noite, artistas, intelectuais, párias, ebrios, loucos, lunáticos. Todos eram sempre bem-vindos no bar da mulher que virou a cara da Praia Grande, lugar popularmente conhecido como Reviver.” (JORNAL PEQUENO. 08 DE JUNHO DE 2008).

⁵ Manifestação folclórica do maranhão composta pelo boi, Pai Francisco, Catirina , índios, índias, Cazumbás/Cazumbas, vaqueiros, vaqueiros de fita. A manifestação possui diversos sotaques, variando entre Zabumba, Costa de Mão, Matraca, Pandeirões e Orquestra e um mais novo que é o sotaque da Ilha uma mistura de vários sotaques.

⁶ É uma manifestação de dança folclórica do Maranhão oriunda com os negros nas senzalas, composta por coreiros e coreiras (denominação dada aos brincantes desta manifestação), tem como base quatro cinco instrumentos variando entre instrumentos percussivos ,tambor grande, meio ou rufador,crivador e matraca (esta possui caráter diferente da matraca do boi, muda o toque e o formato do instrumento) e por ultimo a voz (onde os coreiros entoam toadas, como são chamadas a musicas cantadas)

Depois de três dias estas bandeiras foram erguidas em forma de não esquecer a “*ultima dama da praia grande*”. Todavia, logo após alguns meses do seu falecimento, o movimento do Tambor de Crioula começou a ser proibido por parte da vizinhança com a justificativa que este fazia muito barulho e que só toleravam a manifestação por causa da Faustina, agora que ela tinha falecido não iriam permitir. Após as proibições houve um movimento a favor da reinstalação do tambor de crioula, os brincantes alegavam que já fazia parte da história da comunidade e que os bares ao redor só somavam clientela quando tinha o tambor, seria um desrespeito a vontade de Dona Faustina, aos brincantes, aos turistas e aos mantenedores da cultura popular no Maranhão, em específico de São Luís. Atualmente o tambor de crioula toca as sextas feiras e sábados quinzenalmente na Praça da Faustina sem esquecer da figura que o incentivou e respeitou ao longo dos anos.

Conclusão

Percebemos que Faustina Matilde Pereira foi de extrema importância para a propagação do imaginário de um bom período na vida da comunidade do bairro da Praia Grande, principalmente por ter sido uma pessoa carismática e de poder nesta região, se tornou uma figura de grande representatividade para mulheres prostitutas viventes e descendentes da ZONA, mostrando que nesta “*vida fácil*”, “*a vida era difícil*”. Porém tudo poderia e seria ser vencido com um grande sorriso e animação.

As imagens propagadas sobre as mulheres prostitutas e sobre as cafetinas são erotizadas, colocando estas como somente relação de dominação, esquecendo que no espaço aonde estas mulheres atuaram é um espaço de poder, onde as mulheres são donas de si possuindo a capacidade de se articular politicamente e deixar como herança uma memória onde seu poder passou e permaneceu até os dias atuais. Como afirma Manoel de Barros o poeta “*Graças a dona Faustina, agora encantada, que facilitou mergulhos profundos de grandes artistas desta terra. Para ela, um inebriante ramo de luz, e que lhe seja conferida a sua devida cota de eternidade.*”

REFERENCIAS

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia.** São Paulo: UNESP, 1997.

FERREIRA, Marcia Milena Galdez. “**Quando a História Acaba e a Memória fica**”: uma etnografia do centro histórico de São Luís. São Luís: EDUEMA, 2012.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115-147, 2008.

REIS dos, José Ribamar Sousa. **ZBM:** o reino encantado da Boemia. - São Luís: LITHOGRAF, 2002.

SCOTT, Joan. **Gênero:** Uma Categoria Útil para a Análise Histórica. Recife, SOS CORPO, 1995.

SILVA, Tatiana Raquel Reis. **Sexualidade e cor:** dinâmicas da prostituição feminina nas áreas centrais de São Luís, Maranhão. São Luís: EDUEMA, 2015.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite:** Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. São Paulo: Paz e Terra. 2ª Ed, 2008.

Jornais

JORNAL PEQUENO. Fautina: a última dama da Praia Grande. O8, 2008.

JORNAL PEQUENO. Faustina Pereira (1946-2008), a última dama da Praia Grande. 09-19, 2014.